

## **As principais contribuições de Pierre Bourdieu para a educação**

Bianca Cristina dos Santos

E-mail bianca.csantos32@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá

Produção do conhecimento na expansão da educação superior

### **Resumo**

Pierre Bourdieu, sociólogo, contribuiu para reflexões acerca do papel da escola na sociedade e, em alguns de seus trabalhos, propõe uma maneira diferente para interpretar a função da educação e da instituição escolar. Uma das teses centrais da sociologia da educação de Bourdieu é a de que os alunos não podem competir em condições igualitárias na escola, pois, trazem consigo uma bagagem social e cultural diferenciada. Para o autor, as desigualdades sociais e econômicas não podem ser superadas apenas por meio da educação, logo, garantir o acesso à escola não significa garantir o princípio da igualdade. A partir de tais ideias, pretende-se apresentar as principais contribuições de Bourdieu para a educação, levando em consideração a importância de repensar a capacidade da escola no processo de desenvolvimento da sociedade.

Palavras-chave: Escola. Sociedade. Cultura.

### **Introdução**

O início é importante para qualquer um, afirma Pierre Bourdieu em entrevista com Maria Andréa Loyola, professora titular de Antropologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em 1999, ao considerar que formamos nossa personalidade e criamos nossa própria visão do mundo real durante a juventude.

Pierre Bourdieu, em suas diversas obras publicadas e entrevistas concedidas, apresenta sempre, de uma maneira ou de outra, discussões sobre aspectos culturais. Tal tendência talvez, tenha se dado não só pelo fato de uma predisposição ou gosto, mas sim, também, por ter sido ele próprio, proveniente de uma cultura socialmente e economicamente dita como inferior.

## 1. Breves considerações sobre os trabalhos de Pierre Bourdieu

Nascido na pequena cidade de Denguin na França, Bourdieu cita em algumas entrevistas as dificuldades que encontrou no campo acadêmico por ser proveniente desta pequena cidade onde a economia baseava-se na agricultura e a produção do conhecimento, de fato, científico era um tanto quanto irrelevante. A este respeito, o próprio autor afirma que:

O fato de ser provinciano, de ter vindo de uma pequena cidade do interior, de ser mal integrado ao mundo parisiense, ao mesmo tempo por escolha e por destino, tem muita importância. (BOURDIEU 2002 p. 17 *apud* PRAXEDES 2015 p. 11).

Seu pai era funcionário dos correios e sua mãe vinha de uma família de médios proprietários de terras. Em seus apontamentos, Pierre Bourdieu refere-se aos costumes e um sotaque diferentes que, com o tempo, mesmo parecendo estar tão enraizados nele, cedeu o lugar à costumes mais requintados e à um sotaque parisiense pois, ao conviver em uma comunidade diferente, Pierre Bourdieu passou a agir tal como um homem da capital, não mais como o menino do interior.

Mesmo com poucos recursos econômicos e sendo proveniente de uma família da classe popular, Bourdieu estudou em uma das mais prestigiosas escolas em Paris: *Louis-le-Grand*, uma instituição pública de ensino secundário e superior, localizada em Paris, na França.

Formou-se em filosofia no ano 1954, mas continuou a se dedicar aos estudos, aprimorando seus conhecimentos a partir de entrevistas que realizava durante o dia com diversos tipos de pessoas, a fim de investigar a estrutura da consciência temporal e como, de fato, as pessoas pensam e se organizam em sociedades, durante a noite, lia e estudava autores da área. Quanto aos estudos, um fator curioso é que, segundo Praxedes (2015)

Ao mesmo tempo em que estudava os sistemas de ensino e os estudantes franceses, Bourdieu investigava também por que os jovens camponeses tinham dificuldades para conseguir uma noiva na região rural do interior da França em que ele próprio havia nascido e que aceleradamente se modernizava na década de 1960. (PRAXEDES 2015, p. 11)

Talvez esta seja mais uma prova de que Pierre Bourdieu, mais do que buscar estudar a sociedade e a realidade que observava, engajava-se a estudar sua própria realidade, a partir, muitas vezes, de especificidades vividas por ele mesmo. Ficando assim, conhecido tanto por sua vasta obra científica quanto por suas ações políticas.

Quanto ao seu engajamento político, Pierre Bourdieu apoiava os movimentos sociais contrários à globalização e ao neoliberalismo, posicionando-se contra a ideia que defendia a não participação do Estado na economia.

Pierre Bourdieu, visivelmente participante dos processos cívicos e dedicado a pesquisas no campo das ciências sociais, apoiava os movimentos para uma reforma política em diversos países, pois, para ele, os intelectuais, os pesquisadores e os professores deveriam participar das tomadas de decisão e defender os direitos do povo.

Em um curso intitulado “Pierre Bourdieu e o mundo social”, organizado em 2014 pelo Centro de Pesquisa e Formação do Serviço Social do Comércio (SESC) em São Paulo, Roger Chartier refere-se à Bourdieu como sendo um sociólogo cidadão, que ligava as pesquisas às questões da cidade.

Entre o ano de 1955 e 1958 lecionou na Faculdade de Letras de Argel na Argélia. Isso porque precisou sair de Paris ao ser convocado para a guerra, quando, entre 1955 e 1962, manifestações para a independência da Argélia provocaram ataques de guerrilha e atos de violência. Frente a tal contexto histórico, Bourdieu diz ter participado de manifestações e se posicionado contra a guerra, logo, como forma de punição, precisou se apresentar para servir a favor de seu país.

Enquanto esteve na Argélia, Bourdieu produziu alguns trabalhos sobre as relações sociais referentes à perda das características das sociedades tradicionais e da posição dos indivíduos frente à lógica da economia de mercado enquanto, também, lecionava sociologia.

A este respeito, diz ter exercido a licenciatura em tempos difíceis para a prática, já que o país estava em guerra e os problemas discutidos eram, de fato, reais, mesmo assim, não deixou de exercer seu trabalho para a produção e disseminação do conhecimento.

## **2. As principais obras de Pierre Bourdieu e suas repercussões**

Depois de diversas pesquisas sociais em relação à cultura e à educação, Pierre Bourdieu publica, em parceria com Jean-Claude Passeron, o livro *Os herdeiros: os estudantes e a cultura* em 1964, enfatizando a relação da escola com a democratização da cultura.

A obra discute a importância da bagagem cultural que levamos conosco e o quanto ela é decisiva na relação com a aquisição e produção do conhecimento científico. Algumas pessoas são melhores preparadas para a vida escolar, passam a adquirir certa docilidade ao se tratar dos afazeres na escola. Já outras, tendem a não dar tanta importância para a instituição escolar à medida que sua família e pessoas ao seu redor, também não dão, enfatizando o fato de que as condições de sucesso ou insucesso escolar não dependem apenas de fatores econômicos, mas principalmente, culturais.

Uma resenha do livro foi publicada pela revista *linhas* em 2014, onde os autores afirmam que no Brasil a obra

oportuniza novas aberturas para interrogações acerca do campo educacional brasileiro, coloca em questão principalmente: o papel do sistema escolar para a reprodução social; a ideia de igualdade de oportunidades de acesso à universidade; a ideologia meritocrática; e a real democratização da educação. (SANTOS *et al* 2014, p. 342)

Colocando em pauta o fato da escola não ser uma instituição capaz de promover a democracia e muito menos de promover uma educação igualitária.

Em 1970 Pierre Bourdieu cria o Centro de Sociologia da Educação e da Cultura e publica, novamente em parceria com Jean-Claude Passeron, o livro *A Reprodução: Elementos para uma teoria dos sistemas de ensino*.

A obra apresenta uma análise do sistema de ensino francês no final da década de 1960 “sistematizando e descrevendo os mecanismos pelos quais a violência simbólica é exercida pela instituição escolar e seus agentes que, em geral, ignoram que contribuem para legitimá-la socialmente” (BOURDIEU & PASSERON, 2014a p. 12) e discutindo também a teoria de que a classe social que exerce dominação sobre o campo pedagógico, ao mesmo tempo em que tenta fazer com que as classes inferiores reconheçam sua cultura como única, busca impedir que tais classes tenham acesso a essa cultura.

A obra tornou-se um clássico ao discutir sobre a instituição escolar e o sistema de ensino, além da função da escola na sociedade e o papel daqueles que a compõe. No Brasil, o livro foi alvo de muitas críticas pois, quando publicado, em 1970, a ideia da escola libertadora estava em seu auge e a obra parecia ir na contramão do idealizado.

Ter desvendado os mecanismos que dificultavam e que poderiam inviabilizar a prática desse projeto chocou e irritou a muitos, em especial porque era salientada a cumplicidade, mesmo que inconscientes, dos agentes dessa instituição para legitimar e promover a reprodução da ordem social. (BOURDIEU & PASSERON 2014a, p. 13)

Após a publicação da obra, Pierre Bourdieu precisou, ainda, se explicar quanto à imagem conservadora formulada a seu respeito. Na entrevista cedida à Andréa Loyola em 1999, é questionado a este respeito, mas, rebate afirmando que ao dizer que as coisas são da maneira que são, não significa dizer que as coisas devem ou não ser da maneira como estão sendo expostas e, completa com a ideia de que reconhecer os mecanismos de conservação é um ato revolucionário. Afirma ainda que em sua tese, defende a ideia de que as instituições de ensino contribuem para a reprodução social, enfatizando o fato de apenas contribuir, não que sozinha, provoque a reprodução de fato. Cita também que, para ele, o problema do sociólogo é que, muitas vezes, diz coisas que ninguém quer saber: desvendar os mecanismos da dominação, pode ser insuportável para os

dominantes e afetar a esperança os dominados que se veem condenados à uma reprodução inevitável.

### **3. Observações acerca da instituição escolar**

Quando Bourdieu escreve, em meados do século XX, uma visão otimista e confiante pairava sobre a ideia da escolarização como sendo principal fator na superação dos atrasos sociais oriundos das sociedades tradicionais.

Até meados do século XX, predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso-comum uma visão extremamente otimista, de inspiração funcionalista, que atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios adscritos, associados às sociedades tradicionais, e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual). (NOGUEIRA, 2002, p. 16)

Como observa-se em Nogueira (2002), a ideia de construção de uma nova sociedade ganhava força ao se pensar que esta poderia então, passar a ser mais justa e democrática, sendo o acesso à educação o princípio para a igualdade de oportunidades a todos.

Porém, por volta do final da década de 1950, com o patrocínio dos governos americano, francês e inglês, diversas pesquisas quantitativas foram divulgadas apontando algumas deficiências nos sistemas de ensino, o que acabou por provocar uma reinterpretação do papel da escola na sociedade.

Um outro fator importante para ser levado em consideração ao se falar da reinterpretação do papel da escola entre 1950 e 1970 diz respeito ao sentimento de frustração dos estudantes quanto ao baixo retorno social e econômico dos certificados escolares, principalmente na França, tal como aponta Nogueira (2002)

Os anos 60 marcam a chegada ao ensino secundário e à universidade da primeira geração beneficiada pela forte expansão do sistema educacional no pós-guerra. Essa geração, arregimentada em setores mais amplos do que os das tradicionais elites escolarizadas, vê – em parte, pela desvalorização dos títulos escolares que acompanhou a massificação do ensino – frustradas suas expectativas de mobilidade social através da escola. A decepção dessa “geração enganada”, como diz Bourdieu, alimentou uma crítica feroz ao sistema educacional e contribuiu para a eclosão do amplo movimento de contestação social de 1968. (NOGUEIRA, 2002. p. 17)

Frente a tal realidade, Bourdieu propõe um novo modo de interpretação da educação e instituição escolar: apontando o desempenho que se tem na escola como resultado da origem social do indivíduo.

Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, Bourdieu passa a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. A educação, na teoria de Bourdieu, perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora das sociedades e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. (NOGUEIRA, 2002. p. 17)

Em *Escritos de Educação* (BOURDIEU, 1998), o autor faz uma análise sobre as desigualdades escolares estruturadas com base nas desigualdades sociais e quebra com o paradigma funcionalista de educação, onde a escola garantiria oportunidades de resultados iguais a todos.

#### **4. Escola e cultura para Pierre Bourdieu**

Em sua teoria Bourdieu leva em consideração o fato de que cada ser humano é submetido a um processo de socialização diferente que o forma como um ser social e ao longo do tempo esse processo vai construindo também as relações de aprendizagem que acabam por transformar a percepção e a maneira de agir de cada um.

Nas relações familiares, nas formas de convivência social como grupos de amigos e vizinhança, associações comunitárias e religiosas, bem como nos sistemas escolares ocorrem as relações sociais que se combinam de diferentes maneiras para a preparação dos membros da sociedade em que estão inseridas, contribuindo assim para a existência dessa sociedade ao longo do tempo. (PRAXEDES 2015, p. 14)

Bourdieu denomina tal preparação dos membros da sociedade citada por Praxedes (2015) como processo de construção do *habitus*, isto é, o conceito teórico que sistematiza um conjunto de saberes construídos ao longo da história da filosofia e das ciências sociais.

Envolve todas as influências que cada ser humano assimila dos meios sociais e culturais que mantém contato, que vão se fixando em sua mente, como um “depósito de experiências”, mas que também o tornam capacitado para agir na prática de uma maneira inovadora, para resolver os novos problemas que surgem na convivência social e satisfazer suas necessidades e suas concepções. (PRAXEDES, 2015, p. 15)

De acordo com Azevedo (2003) *Habitus* é o conceito que diz respeito à interiorização das estruturas objetivas das classes ou dos grupos sociais que acabam por gerar proposições, objetivas ou subjetivas para a resolução de problemas quanto à reprodução social.

Setton (2002) apresenta também uma explicação sobre tal conceito, afirmando que o

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades. Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (SETTON, 2002 p. 63)



À medida em que o indivíduo contribui para a formação das estruturas sociais, tais estruturas interferem na vida do indivíduo. Bourdieu tenta decifrar como a sociedade consegue reproduzir nos indivíduos as suas estruturas políticas, morais, éticas, dentre outras... E defende que, muitas vezes, a reprodução acontece sem se perceber, a partir de uma incorporação inconsciente das estruturas, o que é possível perceber nas diferentes maneiras de agir de acordo com o meio ao qual se permanece inserido.

## **5. Considerações finais**

Uma das teses centrais da sociologia da educação de Bourdieu é a de que os alunos não podem competir em condições igualitárias na escola pois trazem consigo uma bagagem social e cultural diferenciada. Nesta perspectiva, a escola não poderia ser uma instituição imparcial que seleciona apenas a partir de critérios objetivos. Sendo assim, Bourdieu questiona a neutralidade da escola ao argumentar quanto ao que é representado e cobrado por esta instituição, pois acredita que, acima dos conteúdos predeterminados, gostos, crenças e valores dos grupos dominantes são apresentados como cultura única. Logo, sem diversidade de pensamentos, é impossível existir uma democracia justa.

O mesmo aluno, o mesmo professor, os mesmos pensamentos e ações. Nenhuma pessoa, após adentrar os portões da escola, deixará seus vícios, seus conceitos culturais ou seus desdobramentos políticos de lado para focar apenas no trabalho da aquisição dos conteúdos programáticos. Vale afirmar também que partidas diferentes corresponderão a chegadas diferentes caso os meios sejam os mesmos e, sabe-se que todo aluno carrega consigo uma bagagem cultural, familiar e social diferente, logo, ao darem início aos processos escolares, não possuem os mesmos conhecimentos, as mesmas capacidades, nem mesmo os mesmos objetivos. Portanto, se faz necessário refletir sobre o papel da escola e do professor em uma sociedade que se compromete com a educação emancipadora e igualitária mesmo sem respaldo para uma efetiva atuação do professor como educador ou a escola como agência de mudança social.

Tal como Praxedes (2015) aponta, é a partir da convivência com outras pessoas que podemos, de fato, nos tornar seres sociais. O processo de socialização se dá nas relações de afetividade e aprendizagem e, é por meio do desenvolvimento da socialização que nos tornamos agentes humanos, com costumes e modos de agir daqueles que fazem parte das nossas relações de convívio. Pode-se dizer então, que nossa formação como pessoa parte de fragmentos da formação das outras pessoas presentes em nosso convívio, enquanto, por meio de um processo de trocas de experiências, contribuimos para o desenvolvimento de outras pessoas, fazendo, desta maneira, com que se consolide o processo de construção de cada membro da sociedade.

Relacionar os estudos de Bourdieu à organização escolar contribui para apontamentos mais amplos pois, citar um sociólogo para discutir aspectos e desdobramentos educacionais e escolares é deixar de lado a ideia da instituição escolar como estando alheia aos aspectos sociais, é reconhecer que os trabalhos na escola recaem sobre toda a comunidade e sociedade, assumindo, a partir de tal reconhecimento, a responsabilidade pelos atos nela produzidos e reproduzidos.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Mario Luiz Neves de. **Espaço social, Campo social, Habitus e o Conceito de classe social em Pierre Bourdieu**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, Universidade Estadual de Maringá, ano III, nº 24, mai 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O campo econômico: a dimensão simbólica da dominação**. Campinas: Papyrus, 2000.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2014a.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean-Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014b.

LOYOLA, Maria Andréa. **Pensamento contemporâneo**: Pierre Bourdieu. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=nAIasOddyh0&nohtml5=False> > acesso em 25 de nov de 2015.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins. NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociologia da educação de Pierre Bourdieu**: Limites e contribuições. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a03v2378.pdf>> acesso em 20 de nov de 2015.

PIES, Neri. **Processo educacional em Pierre Bourdieu**. Revista espaço acadêmico, n 134, jul 2012, p 40 – 46.

PRAXEDES, Walter. **A educação reflexiva na teoria social de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

SAES, Décio Azevedo Marques de. **A ideologia docente em A reprodução, de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron.** Educação & Linguagem. n 16, jul-dez/2007, p 106-125.

SANTOS, Tiago Ribeiro; SATO, Silvana Rodrigues de Souza; KLITZKE, Melina Kerber. **Resenha do livro Os herdeiros: os estudantes e a cultura.** Revista Linhas. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 341-348, jul./dez. 2014.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>> acesso em 30 de dez de 2015.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu.** Anais EDUCERE, 2008 p 102 – 109.